

Logo lhe coube a reportagem no Senado: “Assim, dizendo que, no mesmo ano, abertas as Câmaras, fui para o Senado, como redator do *Diário do Rio*, não posso esquecer que nesse ano e no outro ali estiveram comigo Bernardo Guimarães, representante do *Jornal do Comércio*, e Pedro Luís, por parte do *Correio Mercantil*, nem as boas horas que vivemos os três”.

A companhia de Quintino Bocaiuva é estimulante. Machado de Assis escreverá, muito depois, página antológica sobre o espetáculo do Senado, que vira com os olhos atentos de jovem repórter. Não só ali tinha amigos, como Bernardo Guimarães e Pedro Luís, mas ainda na redação, onde Bocaiuva ia acentuando a sua personalidade de jornalista, em detrimento da de homem de letras, e mostrando já aquela capacidade profissional que tanto o distinguiria adiante. Redigira, em S. Paulo, *A Hora* e o *Acaiaba* e fora, no Rio, companheiro de José Maria do Amaral, no *Spectador Brasileiro*, antes de ser redator-chefe do *Diário do Rio de Janeiro*. Seus grandes dias viriam mais tarde, entretanto, quando restaurou *O Globo*, com Salvador de Mendonça, depois de ter fundado e dirigido *A República*, culminando em *O País*, onde substituiria Rui Barbosa. Para o seu amigo Machado de Assis, o ano de 1861 seria triste: no naufrágio do vapor *Hermes*, morria Manuel Antônio de Almeida, que o acolhera na Imprensa Nacional, e desaparecia Paula Brito, que lhe abrira as portas da *Marmota*, em que aparecera, nesse ano, *A Queda que as Mulheres Têm pelos Tolos*. O humilde tipógrafo e livreiro da *Petalógica* teve funerais condignos, comparando algumas das maiores figuras da época, Euzébio de Queiroz, Saldanha Marinho, Paulino de Sousa, Paranhos, e a legião de amigos, escritores e jornalistas que ele incentivara e ajudara. Teixeira Sousa, um destes, faleceria nesse mesmo ano. Quintino prestaria a mais significativa homenagem a Manuel Antônio de Almeida, publicando as *Memórias de um Sargento de Milícias* na *Biblioteca Brasileira*, “espécie de revista mensal, onde se encontra de tudo”; é a primeira vez em que o nome do autor aparece, e aconteceu em 1862. Começam a repontar, agora, os primeiros sinais de agitação política, combatidos pelo *Correio da Tarde*, órgão do governo, e pela *A Cruz*, jornal católico. Predomina ainda, entretanto, a madorna imperial. Literatura é o que importa, e Machado de Assis publica crítica laudatória ao romance de Manuel Antônio de Almeida, em *O Futuro*, revista lançada em 1863 por Faustino Xavier de Novais. Prosseguia também a *Biblioteca Brasileira*, de Quintino Bocaiuva, lançando agora o primeiro volume das *Minas de Prata*, de José de Alencar.

Desaparecera em 1861, apesar de tudo, a *Revista Brasileira*, mantida por Cândido Batista de Oliveira desde 1857, encerrando a sua primeira fase. Não era assim apenas na Corte, as províncias acompanhavam a toada: